

CURTAS

EMPREGO VERDE NOS EUA

O dado surpreenderá muita gente: a economia verde nos Estados Unidos emprega em torno de 2,7 milhões de pessoas, mais que o setor de combustíveis fósseis; é menor do que o setor de tecnologia da informação, mas maior do que a área de biociência. Essa é uma das conclusões do relatório *Sizing the clean economy*, uma avaliação sobre o emprego verde, publicado em julho pela influente Brookings Institution (ver em bit.ly/qCh2J8).

MAIS NOS TRADICIONAIS

Está nos segmentos mais

tradicionais – industrial e serviços públicos – a maior parte dos trabalhadores da economia “limpa”, que ainda emprega menos pessoas nos setores de energia solar e eólica, biocombustíveis e baterias.

RESPONSABILIDADE COMUM

Assinado pelos pesquisadores Daniel Silva e Paulo Barreto, estudo do Imazon (*A viabilidade da regularização socioambiental da pecuária no Pará*) propõe à cadeia de negócios da carne um incentivo para a regularização trabalhista e ambiental das fazendas do estado.

ESTÍMULO COMPETITIVO

Seria na forma de um prêmio, que varia de 12% a 16% sobre o preço médio de 2009 (R\$ 77 a arroba), para tornar competitiva a renda da fazenda regularizada e com rastreabilidade, sem perder vantagem comparativa no mercado internacional. Acesse o estudo em bit.ly/nK7ROB.

CONTRIBUIÇÃO OPORTUNA

A menos de um ano da Rio+20, o debate sobre economia verde recebe oportuna contribuição, com o lançamento em julho

da edição 8 da revista *Política Ambiental*, da Conservação Internacional, cujo tema é “Economia verde: desafios e oportunidades”. Pode ser baixada no item Publicações do site conservacao.org.

PARA ACELERAR A TRANSIÇÃO

Na edição, além de análises sobre valoração e precificação de recursos naturais e pagamento por serviços ambientais, também há abordagens sobre mecanismos de mercado e políticas capazes de acelerar a transição para uma nova economia. (JAGP)

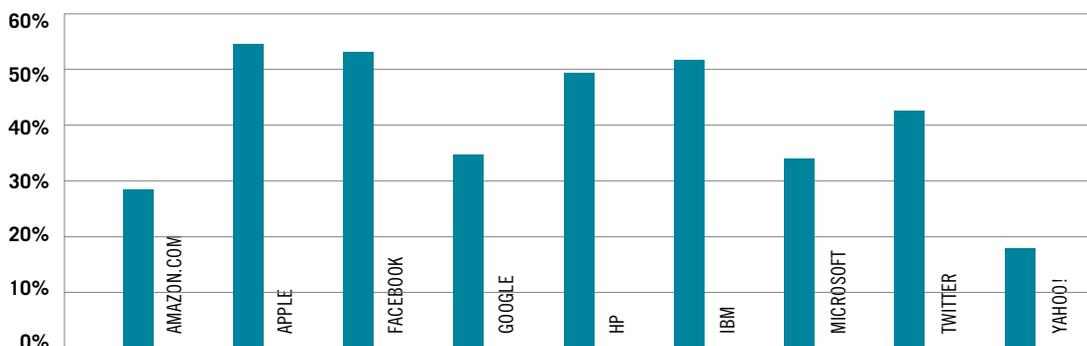
Nuvens pesadas

Centros de dados das maiores empresas de TI ainda dependem de carvão mineral

GISELE NEULS

DATACENTERS MOVIDOS A CARVÃO

USO EM %*



* PARTICIPAÇÃO DA FONTE NA DEMANDA TOTAL DE ENERGIA DA EMPRESA. FONTE: GREENPEACE INTERNATIONAL. ELABORAÇÃO: PLANIZZ.

As tecnologias de informação (TI) têm sido incluídas nas estratégias de muitas empresas para reduzir o consumo de tempo, espaço e papel. A chamada computação nas nuvens tem maravilhado usuários e empresas com acesso remoto e sincronização de dados a partir de qualquer conexão com a internet. Mas guardar arquivos nas nuvens não significa menos emissões de carbono. Estudo do Greenpeace International, publicado em abril deste ano, mostrou que as maiores empresas do setor usam o carvão mineral como principal fonte de energia elétrica (*mais sobre o combustível em reportagem à pág. 28*). Gigantes como Google, Facebook e Apple

estão expandindo suas infraestruturas em lugares onde a energia barata do carvão é abundante, como a Carolina do Norte, nos Estados Unidos.

O documento ainda aponta falta de transparência sobre as pegadas de carbono e energia dessas indústrias. Segundo o Greenpeace, as inovações gestadas pela TI podem redundar em corte de emissões em todos os setores da economia. Para isso, porém, as próprias empresas precisam abraçar as fontes limpas como principal elemento no fornecimento de energia. O estudo *How dirty is your data*, somente em inglês, está disponível em greenpeace.org/coolit.